

**PRÉ-ENCONTRO DE PSICOLOGIA E ECONOMIA – fronteiras,  
convergências, dilemas**  
São Paulo – 23/24.0802

**ILUSÃO E INFORMAÇÃO - PODEMOS CONTRIBUIR PARA  
AUMENTAR O CONHECIMENTO SOBRE A CONJUNTURA  
ECONÔMICA?**

VERA RITA DE MELLO FERREIRA<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

Somos seres precários, frágeis, limitados.

A Psicanálise freqüentemente se refere dessa forma à condição do humano.

Pronto. Batemos de frente com os postulados usuais da Economia.

Estes afirmam que somos seres racionais, que norteamos nossas escolhas de acordo com objetivos egoístas de maximização de benefícios.

Onde encontramos a realidade? Em qual das descrições?

Aqui também nos deparamos com outra diferença, desta vez epistemológica - enquanto a Economia desenvolve seu campo fundamentando-se em premissas, sobre as quais realizam então seus modelos, fórmulas e previsões, a Psicanálise busca sempre o respaldo da observação para avançar o seu conhecimento sobre o funcionamento da mente.

Estou falando em Psicanálise, quando talvez se esperasse que eu me referisse exclusivamente à Psicologia Econômica.

Desta vez, introduzindo uma diferença com relação à Psicologia Econômica, conforme vem sendo habitualmente estudada pelos colegas de outros países. Embora não haja uma oposição clara ao diálogo entre as duas

---

<sup>1</sup> Psicanalista, consultora, professora universitária, membro da IAREP-International Association for Research in Economic Psychology.  
Email: [verarita@verarita.psc.br](mailto:verarita@verarita.psc.br) website: [www.verarita.psc.br](http://www.verarita.psc.br)

disciplinas, Psicanálise e Psicologia Econômica, tampouco verificamos um intercâmbio constante e rico entre ambas.

O que, do meu ponto de vista, não constitui razão para deixarmos de explorar as possibilidades que tal intercâmbio poderia nos oferecer.

Temos, de um lado, a Psicologia Econômica, derivada da Psicologia Social, com seus instrumentos, majoritariamente apoiados na Psicologia Cognitiva, o que lhes permite diversos estudos quantitativos.

De outro lado, temos a Psicanálise, que difere da Psicologia em geral, em seus postulados, maneira de atuar e objetivos. Seu 'oxigênio', por assim dizer, é aquilo que acontece na relação emocional, ou seja, o que pode ser observado a partir do vínculo que se estabelece entre duas personalidades.

Diversos fenômenos só podem ser examinados nessas condições, que são quase de 'laboratório' - duas pessoas conversando durante vários anos, sobre o que ambas vêem e conseguem expressar, acompanhando as transformações que acontecem nesse âmbito.

Vamos tentar fechar o circuito agora - Psicologia Econômica e Psicanálise poderiam juntar forças, cada uma com seu acervo de dados e formas de conhecer, para se aproximar daquilo que nos interessa abordar aqui - o comportamento econômico. Enquanto a primeira pode fornecer informações de maiores quantidades, sobre o que levantam a respeito de grupos de sujeitos fazendo determinadas coisas no campo da Economia, como por exemplo, comprando, poupando, trabalhando etc, a outra poderia dizer algumas coisas sobre o que se passa na cabeça das pessoas enquanto fazem isso, sobre o seu 'comportamento psíquico', de modo mais aprofundado.

Vamos testar uma pequena amostra da possibilidade de reunião das três disciplinas agora.

## HOJE

Infelizmente este Pré-Encontro não poderia ocorrer em momento mais oportuno... Infelizmente, porque estamos em meio a uma tempestade com consequências ainda imprevisíveis, mas que já dão um pouco de arrepio só

de imaginar. Nossa economia balança como navio colhido por ondas enormes, e até surpreende que não tenha virado, ou soçobrado, ainda...

Na verdade, se olharmos com cuidado, veremos que esse fato não se restringe apenas ao Brasil, mas afeta neste momento praticamente todos os países do mundo, com muito poucas exceções, e mesmo assim, as exceções também apresentam solavancos diversos.

Com a velocidade ganha pela transmissão de informação nos últimos anos, estamos diante de um funcionamento econômico, de certa forma, mais 'cru'. Não há mais tempo para reflexão, ponderação, ou mesmo verificação de dados. As decisões têm que ser tomadas de imediato. Quem vacila, perde.

E o cenário geral onde isso se dá é também de um mundo em rápida transformação. As definições não se sustentam, sendo logo substituídas por outras, também provisórias. A incerteza caracteriza todos os segmentos. Grande parte da vida se passa hoje fora do âmbito das tradições e instituições estabelecidas. Como consequência, as pessoas têm que tomar suas decisões baseadas em seu próprio conhecimento, sem o aval de autoridades.

Como diz Giddens(1997), é um tempo de 'oportunidade e risco'. As pessoas são chamadas a usar a própria cabeça, para o bem e para o mal...

É nesse sentido que me refiro a 'funcionamento mais cru' - ao largo da mediação de 'tradutores' da realidade, pessoas ou instituições encarregadas de imprimir determinadas orientações à interpretação dos fatos, os indivíduos são impelidos a usar sua própria mente - aquela que, para o psicanalista, é 'frágil, precária e limitada'.

Não estou considerando o papel da mídia nessa função, uma vez que ela também se encontra comprometida com diversas instâncias - o objetivo de vender jornais, ou qualquer que seja seu produto, servir a quem a financia etc - e, portanto, dificilmente poderia cumprir esse papel de 'tradutora' com maior fidelidade.

É um cenário que nos remete diretamente ao sentimento de desamparo, que parece ter sempre acompanhado o homem, desde seus primórdios. Neste momento, meio 'solto' num mundo muitas vezes caótico,

com referências que se tornam velozmente obsoletas, ele se defronta com a própria insuficiência de recursos para responder a tudo que lhe é exigido.

Podemos então ver com mais clareza, o apelo da ilusão, como canto de sereia, acenando com a possibilidade de reduzir a angustia provocada pelo sentimento de desamparo.

## ILUSÃO

Entendo ilusão como tudo aquilo que se interpõe entre a mente e a observação mais precisa e rigorosa dos fatos, tanto no sentido de criar elementos que não existem, como, ao contrário, deixar de enxergar o que está ali.

Naturalmente, poderíamos adentrar uma longa discussão sobre o que é 'verdade' ou 'realidade', que poderia ser muito pertinente, mas não temos condição de fazer isso no momento.

Em vez disso, chamo atenção para um outro fator - a ilusão vem freqüentemente subordinada a outro elemento - a onipotência. Aqui também temos que começar pelo avesso - justamente por sermos tão limitados, parece tão doce e reconfortante imaginar que somos extremamente poderosos, que tudo sabemos, que tudo controlamos.

Assim, a ilusão está grande parte das vezes a serviço de poderosas fantasias de onipotência, estas sim poderosas, porque possuem a força de colocar em movimento nossa mente, inclusive para atuar no mundo concreto.

Agora convido vocês a olhar para alguns acontecimentos recentes da esfera econômica, onde esse fenômeno da ilusão parece ter estado presente.

Não vou me referir às possíveis manipulações engendradas por agentes identificados ou não. Na verdade, o que observamos atualmente é muitas vezes a presença dos chamados 'efeitos colaterais' (Giddens, Beck, e Lash, 1997), denominação para as decorrências advindas de fatores não necessariamente controlados ou engendrados com propósitos determinados, que atuam mais como confluência de situações, com resultados imprevistos.

Vou circunscrever o exame ao âmbito da reação das pessoas a esses acontecimentos.

Vamos tomar como exemplo, o que está havendo nos nossos mercados de câmbio e ações, que por sua vez se reflete no restante da nossa economia. Acredito que Daniel vá apresentar idéias muito interessantes sobre esse tema especificamente, que inclusive ajudará a fundamentar melhor esta discussão.

Desejo enfocar então aquilo que se passa quando surge um boato, por exemplo, a respeito das pesquisas sobre as eleições. Diversas reações podem ser observadas como consequência da disseminação de boatos desse tipo. Várias delas são estudadas pela Psicologia Social em geral, e pela Psicologia Econômica em particular.

'Efeito manada', 'profecias auto-realizadoras', 'aversão ao risco', 'contaminação', poderiam ser algumas delas. Em todas, verificamos a presença da ilusão como componente primordial para que possam se instalar.

Se associamos o estado básico de desamparo que nos caracteriza, a essa necessidade premente - e quase perene - de ilusões que nos ajudem a mitigar a dor da falta, a contundência dos fatos que se impõem ao nosso corpo e à nossa mente, o desespero de não conhecer o futuro, nem poder controlá-lo, temos aí o terreno propício à proliferação de percepções alteradas pelas ilusões, podendo levar a inúmeros erros de avaliação, decisão e previsão.

Quando pensamos nos acontecimentos econômicos, nos vemos então diante da nossa própria precariedade, num mundo que está muitas vezes por um fio, sem nada de muito consistente a nos apoiar.

Para complicar, ficamos também à mercê de fatores complicadores, que são, por exemplo, as análises feitas por economistas que pretendem estar traduzindo com fidelidade a conjuntura econômica, e com isso, podem levar a desastres, estes sim bastante reais. É o casamento do desamparo com ilusão, consumando-se em ambas as pontas, tanto entre a população, como entre esses analistas econômicos.

A população não sabe para onde correr. Faz relativamente pouco tempo que precisou começar a cuidar mais de seus 'negócios', por assim

dizer. Ainda não aprendeu bem como fazer isso, e para piorar, não dispõe de informações suficientes para sequer começar a aprender. Fica fácil ir atrás daquilo que se apresenta como algum tipo de 'autoridade'.

Do ponto de vista dos economistas, são seres humanos como os outros, e portanto igualmente sujeitos a todas as imperfeições que nos caracterizam.

Pareceria desnecessário dizer tal obviedade, exceto que isto não parece ser usualmente levado em conta por eles próprios, que muitas vezes preferem acreditar que os acontecimentos é que são 'anômalos', isto é, saíram do padrão esperado, a rever as próprias análises. Desconsideram os fatos, já que não se encaixam em suas fórmulas, modelos e previsões. As premissas levam a melhor sobre a observação.

Nesse caso, teríamos que conhecer melhor como opera a mente que estabelece tais premissas, uma vez que elas se sobreporiam à própria realidade.

E talvez pudéssemos então contar com alguns princípios que norteiam a investigação na Psicanálise, onde a observação é soberana, e o aprender depende essencialmente da experiência.

Quando ouvimos que o Brasil recebeu 'nota baixa' das agências de avaliação econômica, especialmente ao mesmo tempo em que vêm à tona a abertura dos 'armários' da economia americana, e deles não param mais de sair 'esqueletos' assustadores na sua magnitude de fraude e consequências nefastas para a economia mundial - e nem por isso os E.U.A. são rebaixados em sua avaliação, vemos que há muitos componentes em jogo. E talvez não sejam todos somente políticos e ideológicos.

Inclusive, tenho alguma dificuldade para pensar apenas em termos de alguma teoria conspiratória, por exemplo, um tipo de complô cuidadosamente orquestrado para nos atingir especificamente, de maneira metódica e cuidadosa. É claro que parece haver interesse em nos restringir os movimentos, reduzir qualquer poder que possamos exercer no equilíbrio político e econômico tanto no plano regional como mundial. Mas temo que as coisas não sejam sequer tão organizadas... Acredito mais numa mistura desastrada de más intenções com confusões, miopia, e destrambelhamento.

Eu pergunto: valeu a pena liberar mais U\$10 bilhões por conta da enésima gafe do Paul O'Neil?

E nem sei qual alternativa seria pior, se o complô meticuloso, ou a sucessão de tolices e rolos talvez desnecessários...

Neste último caso, é possível que possamos pensar também em fatores emocionais presentes nesses movimentos e avaliações. Por exemplo, o fenômeno da identificação projetiva, estudado pela Psicanálise, pode nos ajudar a enxergar outros ângulos da questão.

Rapidamente - esse mecanismo psíquico permite a alguém atribuir ao outro, componentes de sua própria personalidade, em especial aqueles que não são bem aceitos dentro de si, com o objetivo de tentar controlá-los como se estivessem fora de sua mente. Quando um sujeito analisa uma situação externa que desperta desconforto, ainda mais quando cotejada ao seu próprio mundo mental, por que estaria ele a salvo de lançar mão desses recursos, quando sabemos que os utilizamos grande parte do tempo?

Como decorrência, a análise tão contaminada por componentes da esfera psíquica, isto é, muito longe de traduzir puramente a situação econômica, pode vir a 'casar' com as nossas próprias limitações, também de ordem psicológica. Para dar um exemplo: nos dizem que estamos correndo sérios riscos, e portanto os investidores deveriam tomar cuidado, evitar o país, ou procurar se proteger. Naturalmente, dentro desse cenário, prevê-se que o dólar vá subir. As pessoas 'compram' essa idéia, se apavoram, correm para comprar antes que ele suba, conseqüentemente, a demanda aumenta, o que, por sua vez, desequilibra a relação entre oferta e procura, e como resultado, o dólar efetivamente sobe. É o caso da 'profecia auto-realizadora'.

A partir daí, vira bola de neve: cada vez mais gente tenta comprar – 'antes que suba mais' – e a moeda começa a faltar realmente, o que leva seu valor a subir ainda mais. Diante desse quadro, o governo se vê forçado a queimar suas reservas em dólar, para tentar conter seu preço. Pronto – a situação econômica concreta piora, podendo chegar a desmoronar, com efeitos meio ou totalmente catastróficos. O equivalente pode ocorrer com bancos ou outras circunstâncias do mundo econômico e financeiro.

Mas aí nos perguntamos: e se lá no início os tais analistas econômicos se equivocaram, uma vez que sua percepção podia estar submetida a tantas limitações de ordem emocional?

Aí está a tragédia. Para nós, no Brasil, trata-se de questão de vida ou morte. Distúrbios no plano psíquico têm o poder efetivo de significar perdas incalculáveis, de lançar pessoas na miséria, de desorganizar de maneira profunda e duradoura a nossa economia.

Neste ponto diferimos da Psicologia Econômica estabelecida nos outros países, especialmente no 1o.mundo, onde é mais desenvolvida. De modo geral não existe a preocupação com questões dessa natureza. Estão mais envolvidos com o estudo de comportamentos econômicos mais específicos, observados freqüentemente de modo experimental, em laboratório ou através de pesquisas. Além disso, contam também com uma infra-estrutura mais sólida, em termos de base de dados, tradição de pesquisa e financiamentos.

Podemos, naturalmente, nos beneficiar desse conhecimento já estabelecido, em termos de troca de informações tanto de conteúdo como de metodologia. Mas parece ser importante também podermos investigar os nossos problemas, as nossas necessidades, as nossas possibilidades. Em outras palavras, criarmos nossa própria agenda de assuntos relevantes no campo da intersecção da Psicologia e Economia.

## INFORMAÇÕES ECONÔMICAS

Dentro desse objetivo, proponho que um dos temas a ser considerado seja aquele que se refere às informações econômicas.

Até mesmo dentro da teoria econômica mais ortodoxa, o chamado '*mainstream*', a importância de possuir dados suficientes para se tomar as decisões ocupa um papel central.

Concordamos, e enfatizamos ainda mais essa importância. Uma maior transparência no que diz respeito ao conteúdo das informações, os dados propriamente, bem como sobre a maneira como são obtidas e produzidas, poderia ajudar a reunir mais conhecimento pertinente na direção de realizar

escolhas mais adequadas. É um longo caminho - mais uma razão para ser iniciado o quanto antes.

E aparentemente não tem havido muitos estudos até o momento sobre esse tópico - como as informações são formuladas e expressas, o que está presente nesse processo do ponto de vista psíquico, ou como elas são recebidas e 'digeridas' pela população, também considerando esse vértice psicológico.

Base de todo o restante do processo decisório que se segue, a importância de se examinar com cuidado o modo como se opera esse processo de informar a população sobre o que se passa no plano da economia se estende aos campos da política, no sentido de preservação da democracia, da estratégia, no que se refere a movimentos que estimulem a consciência e participação cada vez maiores da população num assunto que lhe diz respeito muito de perto, da investigação da interface do mundo emocional com o mundo externo, para começar a conhecer como se dão as influências recíprocas.

Há portanto necessidade de se colher dados nessa área, através de estudos sistemáticos, que podem incluir levantamentos históricos, experimentais, de pesquisa, reflexões sobre o que já existe, debates interdisciplinares, comparações transculturais, análises a partir de diferentes vértices.

## CONFIANÇA

Quanto mais dados possuímos, mais chances de apreender de forma mais completa o que se passa na área do comportamento econômico.

Como foi dito, é um longo caminho.

Não há propriamente um antídoto para os distúrbios emocionais que podem afetar nossa percepção da economia, e conseqüentemente, a maneira de atuarmos dentro desse campo.

Por mais informações precisas que tenhamos, sabemos que ainda assim estaremos sempre sujeitos a registrá-las de modo alterado, em função de nossos estados internos imperiosos.

Mas como especialistas em 'vínculo', por assim dizer - o psicanalista fundamenta todo o seu trabalho nessa experiência emocional - podemos dizer que é a crença que pode talvez nos ajudar a fazer a longa caminhada.

Eu me lembro de uma foto, durante a crise asiática, de mulheres empunhando seus 'won', a moeda local, que sofria um ataque especulativo na época, causando séria crise cambial.

Não disponho de informações mais detalhadas sobre a recuperação econômica da Coréia, apenas o que sai na mídia. Mas aquela cena representa para mim uma imagem desse combustível fundamental, que pode ter auxiliado no processo deles - não desistir, acreditar que vai ser possível, persistir na caminhada, apesar de longa e difícil.

Para resumir, o mérito desta reunião, e em parte, desta apresentação – se houver algum - está justamente na exposição da lacuna básica - não temos uma tradição de diálogo entre Psicologia ou Psicanálise, e Economia. E dentro dessa lacuna central, diversos outros pontos localizados, onde igualmente falta consolidar informação e análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bion, W.R. 1961. *Uma Teoria do Pensar*. in Melanie Klein Hoje – desenvolvimentos da teoria e da técnica. vol. 1, Imago, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_ 1970. Atenção e Interpretação. Imago, Rio de Janeiro, 1973.

\_\_\_\_\_ 1992. Cogitations. Karnac Books, London.

Ferreira, V.R.M. 2000. O Componente Emocional – funcionamento mental e ilusão à luz das transformações econômicas no Brasil desde 1985. Editora Papel e Virtual, Rio de Janeiro.

Freud, S. 1911. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. da Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol.12. Imago, Rio de Janeiro, 1977.

\_\_\_\_\_ 1921. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. vol.18, idem.

\_\_\_\_\_ 1927. O Futuro de uma Ilusão. vol.21, idem.

\_\_\_\_\_ 1930. O Mal-estar na Civilização. vol.21, idem.

Giddens, A., Beck, U. e Lash, S. Modernização Reflexiva – política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Unesp, 1997.

Kindleberger, C.P. 2000. Manias, Pênicos e Crashes. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Kirchler, E. e Hölzl, E. 2002. *Economic Psychology*. Artigo submetido para publicação no International Review of Industrial and Organizational Psychology (2003).

Klein, M. 1946. *Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides*. in Os Progressos da Psicanálise. Zahar, Rio de Janeiro, 1982.

Lea, S.E.G. 2000. Making money out of psychology: Can we predict economic behaviour? Palestra proferida para na British Psychological Society, na Annual Conference, Winchester, em 15.04.2000.

Lewis,A., Webley,P. & Furnham,A. 1995.The New Economic Mind - the social psychology of economic behaviour. Harvester/Wheatsheaf, London.

Shiller, R. 2000. Exuberância irracional. Makron Books, São Paulo.

Tomer, J.F. 2002. Beyond the Rationality of Economic Man, Toward the True Rationality of Human Man. Trabalho apresentado e publicado nos anais do XXVII Annual Colloquium on Research in Economic Psychology / SABE 2002 Conference on Behavioural Economics. Turku, Finlândia.

Van Raaij, W. F. 1999. *History of Economic Psychology*. In The Elgar Companion to Consumer Research and Economic Psychology. Edward Elgar, Aldershot.

Webley, P., Burgoyne, C.B., Lea, S.E.G. and Young, B.M. 2001. The Economic Psychology of Everyday Life. Psychology Press, Hove.